

criação & crítica

Nº39

OS ALGODÕES GUARDAM O ABRAÇO

Raeltom Santos Munizo¹

Os guardados anos de Sabastião, de Minerva, de Cândido Alvanço, de Luzia Sintilana, de Maria Altura, de Antero Canteiro e de tantos outros ergueram-me a respiração da memória de branquidão da vida cheia de magia. Do outro mundo, longe da separação de duas coisas altamente diferentes, dançaram palavras também levadas pela saliva das estórias.

Em dia quente de agosto ventoso, nas raspas da água queimada do rio Magavibú, a negra Umblaflor rasgou o ventre e derramou o limbo rei daquelas bandas do Tocantins. Chorou Sabastião dentro da luz de todos do mundo. Umblaflor era mãe por definitivo. Sentiu o ciclo da incubação de um ovo velho. Ela ensinou o menino a suar pelo respiro nas todas as terras alheias daquele estreito que, segundo as falas antigas moradas por ali, é o meio do caminho de espaço tempo itinerante, onde Cristo Mandamento desvirginou o seu dançar pelo arrepio de alegria pela beleza de uma ação d'um homem, cujo nome se perdeu no remendar dessa história. Diz a voz da memória dessa historinha que quando o mundo dobrar o pendão, Cristo voltará a esse caminho do Tocantins para salvar os todos para uma ciranda do arrepio. Vão dançar com o Bom Deus de mãos amigas soldadas e pés livres abraçando os ventos de baixo. Por isso, quando tudo acabar, ainda ladainham muitas gentes, que só vai restar o rumo Tocantins. Mas pegando de volta a vida de Sabastião, lembro aqui que ele teve que enterrar sua mãe durante o buço. Enterrou ela em pé atenta ao leste, para encarar o sol brotar, esperando o dia de sua subida. Falam que em seu sepulcro foi despejados punhados de milho de várias mãos e tipos, porque ali era para ser um

¹ Professor graduado em Letras e pós-graduado em Memória: linguagem e sociedade pela UESB. Contato: munizo_raeltom@hotmail.com

CRIAÇÃO & CRÍTICA

Nº39

cacho de alvéolos do sol. Ficou sozinho no mundo, o perigoso Sabastião, sem mais freios do leite. Ele matou Vintraim no lugar mais cheiroso do cafezal, usando na mão esquerda uma faca sem freios feita com metal qualquer e longo como folha de capim de cheiro, a fim de cavar um caminhozinho no corpo duro de Vintraim, por causa de gritos escumados contra Umblafior.

Sabastião foi preso num quarto de guarda. Inventou-lhe como louco pouco. Era uma sela de costela de pau de arco afundada em um barreiro grosso, meloso e findado como chapa de pedra, para segurar a loucura longe dos outros. Davam de comer pelo bico alto inalcançável do quarto onde tinha um buraco à conta. Para se lambuzar água no corpo do bicho era necessário abrir a porta do abafador com fúria de rio, a fim de intimidar o perdido homem derramado naquele escuro e levá-lo amarrado nas agulhadas pontas de duas varas longas até o rio do meio-dia. Nessa hora, as pessoas dali perto se recolhiam onde o medo as escondiam também dos gritos do berrador. Depois do tempo estiar a pele de Sabastião, deixando-o como flor torcida pela dança seca do sol, ele se soltou e saiu correndo pelos caminhos de deixa folhas do Tocantins, matando gente topada pela frente, seja com pedra rasga carne, pau finca pele e golpe que afunda até o rompe osso. Corria rodando aquele lugar sem descansar, escorraçando os gritos da boca, secando o sangue vario das mãos, gritando as palavras e as coisas entendidas pelas coisas do mistério do sombreiro do medo. Houve um ajuntamento de homens restantes para atirar nele de longe, sob o pescoço das árvores. Sabastião, afoito com os pés, viu uma menina magrinha varrendo um canto de chão beira água com umas flor de algodão. Daí ele rumou para ela e suas mãos rasgou o espaço para ir quebrar a menininha; parou diante do oferecimento das flores de algodão. O ser flor em solo menino o parou como nada antes o fez. Na parada, um tiro longeiro foi se afogando e suando em seu corpo descarnado e rangendo a balada do fim no vazio de lá dentro.

Sintilana, a Luzia, fresquinha menina tesouro dos homens sem boca há muito extintos de nós, sentiu o último vapor da vida soltado pelo louco caído diante de ti. Ela cantou com a voz dentro de sua garganta fechada sobre a vida girando as coisas do

CRIAÇÃO & CRÍTICA

Nº39

mundo: esse senhorzinho terminado aqui está beijando os cabelos do Romba Terra lá no fundo do sangue da árvore de eternos. Agora, ele é um menino vadio aprendendo a resolver as demandas entre as árvores de raízes que boiam gordas. Ainda não conversou com o senhor Tempo, pois este está passeando pelas mãos e contramãos do riacho Albivo, com Deus, onde brincam com as palavras das quais nascem silvas e maior redondilha. A sua mãe já se tornou ar cheiroso guardado dentro do algodão, e sempre se sentindo estão. Ali atrás dele, sabe, eu acho que é nuvem girada que povoa o céu e toca nos conselhos emprestados pelos instintos. Eu vou chegar na vastidão depois de segunda de outra semana, vou cair dura e pesada no chãozinho de cebolinhas que salgam o poço de água morna das terras do rima curva. Eu vou cantar com a boquinha colada no chão friozinho:

O sopro do jeito vai escorrendo o ar
Enquanto dança a lua de escumosa,
E seus pés chutam o peso da brumosa,
Alvanço esconde o beijo no pesar.

Sua estima casou no suor do sol,
O coração molhando arrebetado.
Chutando o peito caído calado,
Os dias lhe derramou no arrebol.

Calor de abril se refez no menino,
A fim de vibrar olhos no vermelho,
Fiando o espaço entre a carne e o cru do limbo.

Foi seguindo no ombro torto do boi,
Rei do encosto, corpo de falta carne,
Distância do belo monte dos doidos.

criação & crítica

Nº39

Nesta hora, o vento que dorme no rio caído e que viaja pelo tempo das fúrias irá me rimar o sangue que torce a vida de Alvanço. Ouça, oooh, oooh, ooh, psiu: Sintilana, seu nome veio de meu grito pendurado no alto da serra, lambido naquelas terras de sua nascença por vossa mãe doida atenta às vozes sem boca. Seus olhos e coração eu arranquei de Astreia estrelada que honrou a ordem Divina Primeira, e por isso, tudo o que seu corpo apura pelo excesso da espuma da luz da vida, é graça uma de meu grito, o qual vossa mãe não conseguiu segurar dentro da memória dela e caiu nas costas da morte dias depois de seu nascimento eterno.

Alvanço mordia as costas do tempo para afiar os dentes e tremer o bafo da terra durante as noites banhadas pelo rancor da lua quente. Seus dentes similis à cor dos cornos da mingunte espantavam e engoliam o amor na traiçoeira. Seu instante era de água empurrada pelos joelhos na lagoa que se encima quente e no afundo gear sabe. Ele vai entrando nas lágrimas do sono para saber o que as deidades espirituais da natureza sonham. O silêncio foi a primeira que seus pés tropeçaram; estava insuflando vazios nos pensamentos de Santa Senhora do Cordão Algodoeiro, de graça cheia e espalhada, para que ela durma calma das ronqueiras dos filhos da Eva solta da costela barroza adâmica. Passando pelo limo do coração do silêncio, pulou enjoado até a escadaria ocular da esperança, cujas mãos arranham a carne da maçã que bombeia o sangue faminto do desejo. No pescoço do olhar da animada deidade esperança, Alvanço escala até o cacho de olhos que o encima e mira linha reta, a fim de observar o desejo dela. Ao chegar ao monte, ouviu as asas deitadas dela estralarem as bandas das costas, de onde minavam verde licor. A boca desse ser maior, pequeninha é; sedenta por futuro balbucia. O desejo que a avizinha e é buscado pelas unhas vergadas dela era um cavalo alado refugando com patas ao norte. Como maçã era, era frio seu coração e seu anseio era morná-la para soltar cheiro e suor. Suas patas nunca sentiram a terra chão, por isso seus pés de retaguarda não são cursoriais, pois não desenvolveram o impulso ligeiro. Suas asas são infantis; ainda não aguentam a proporção do corpo para erguê-lo além da linha

CRIAÇÃO & CRÍTICA

Nº39

das patas. Cândido Alvanço sempre levou um de meus olhos numa garrafinha de vidro com tampa de algodão que a mãe do minério forjou com sua areia de placenta, aquando do nascimento da diamantina pedra. Foi esse olho que avistou o vulto de uma menininha de braços finos e apertados, de cabelos dorme flor, de joelhos em relevo, de forças poucas empurrando a gula do esquecimento. Menininha era o deus em desuso romantismo, chorando sua recolha com a saudade dos suspiros namorados nos olhos tementes lentamente. As lavadeiras das horas erguem os braços de romantismo cativo chorando no ouvido do destino, durante a quebra da firmeza de sua força; depois beijam sua boca uma por uma, sugando suas ideias e declamações, soprando-as no relento e costurando a boca agora pálida com algodão eriçado e seco; varem com ramos de arruda a luz do terreno dos olhos e desabam as cortinas da noite. Trançam e domam os cabelos marabá para esconder o volume de amor carneiro, quebrando então as raízes das flores que cheiram no morro. As lavadeiras de ponteiros despedem das roupas a aurora; estouram as espinhas maduras, inchadas e verdes que constelam e sobredouram a pele mansa e menina. Eu estou cansado de ver as coisas distantes nas hectares do sonos. Quero ouvir as gentes que pisam no mundo com pés de ossos.

Lá vem Maria soprando o chão. Isso é uma música começando! Sua pele é benzida pelo bafo branco da puba de mandioca voando sob o chão do ar azedinho. Quebro minha voz aqui, Sintilana, pois outra maior se levanta, a de Maria, a Altura cantadeira que trança ar, amidos, amores, amenos, amparos. Ouça dela os assobios: neste canto de chão tem uma flor pisada, caída, chorando seu rumo desapegaaado de seu fio de mãe; ela geme embaixo dos pulos das menininhas que a livraram do rumo de céu e solta cheiro na dança da fubazinha. Iêê meninas de acompanhamento, vocês deixam seus pés atentos para eu cantar para também a flor, o pó e as mulheres semelhanças, a história de eu-Maria? Meu pai me deu de moça para um distinto homem do tiriango desinquieta, porque ele rapava o ferro até tirar o pó da música. Ôôô, vixe, meu sonho desce pela luz de olhos e eu era nova como laranjeira de tronco fino, despejando suor de cheiro ainda amargo, depois advindo coisas brancas de

criação & crítica

Nº39

meus dedos, cheirando eternidade e amor, e se espalhando pelos arredores até atrair os peitos e planos dos moços. Vem ver o amor se inventar, meus bens, ilêim, e cantar no chão que beira. Mas meu pai era de ordem e fio. Queria o músico para cantar para mim os cheiros da batida do coração dançador. Antero Canteiro foi apresentado na ideia como o oportuno. Ele trouxe no cabresto a lua crescente, chifrando trovões, tombando lá o céu e erguendo a terra para viver na música de seus dedos apertados. Casamos, cantados pelas bênçãos de dona Matilde, mulher de domingo e oração de pé de garganta. Venha mais perto todos, calai vossas imagens em erguimento, pois é minha voz em evaporação sanfonada que trama a melhor arquitetura de nós. Os anjos cantam e fazem concretar as imagens diante de si. Sai de mim, as coisas sem fim, sem fugir com as palavras, guardadas no pote com ninho de algodão manso. Antero escorregava no tiriango por vários lugares e motivos. Eu esperava meus ouvidos alcançar seus sons, para correr caçando armada com abraços. Ia longe, rio de meu Deus; era a vez dos lábios dançantes e ansiosos. Achava ele só de noite, na alegria da estrada, sozinho desapartado, chupando cheiro. Dia muito atrás de mim, ele me disse que ia cantar para a noite, como ouviu falar que fez um bom Orfeu, até a voz derramar e aí será tempo de perdão Maria. Pegou um couro duro em rumo longo, aguou e sacudiu escondido da vista da noite, para assustar ela; balançou pelo Oeste até seguir prumo do ar. Vestiu em capa, sobre uma roupa trançada em algodão grosso. Algodão vem trazer meu calor de amor, tem? Branca que não aceitava sujeira. Deus lhe deu luz despejada sobre aquele algodão, avultando no alto da ladeira onde cantávamos até com joelhos. O dia que ele soltou a sua lua do nosso quintal, subiu a crescida ladeira, rindo alto para mim, somando felicidades ao adeus, piscando molhado. Era do nunca mais, você tem ainda para mim, memória? lêê, ahh, vinha, vinha; deixa a história levar. Na cabeça da ladeira, começou com o tiriango a agitar os ventos, a tirar o fortune da terra, para amansá-la para a mandioca. A dança chumbava a doença da terra e chamava os peixes do sol para desovarem ali. Os pés começaram a travar a noite, e o descontrole dos espíritos que andam com ela começou a seguir seu canto de rima e aço. Era uma ordem menina nova se

criação & crítica

Nº39

impondo. O algodão afligido pelo estrondo do couro longo em suas costas entrava em sua pele e na da noite. Era a entrada no ser de fundo escuro e poros lúcidos. O palco da guerra era para abrir o útero da noite e avistar o navegante de olhos de linhas para os Elísios, isso gritou o paninho do algodão que escapou da carne de Antero. Sei que é isso não, meu bem, que vem, e vai ao me ouvir sentir. Os corpos estavam em desordem, não conseguia ninguém correr, gritar, esboçar o horror, chorar. Tudo isso saiu de nós. Só ficou a tranquilidade e felicidade. Foi uma sensação de boas novas. A natureza estava correndo para perto de Antero para arrumar a música, a harmonia, as forças, os segredos... A noite devorou Antero com sua música desordeira. Vem a mim, outra história, com vazios para eu completar ou largar; deixe vir, pra mulher que entende do escaldo.

— Olá, dona Minerva, me dê sua boa benção! Você também ouviu agorinha vindo de longe alguém falando que entende do escaldo?

— Pedro meu, benções arrancam seus agouros. Ouvi não, mas se você ouviu, é o destino filho de Deus que geme para você uma música. Queria eu te pedir para ir amanhã na cidade para comprar quilo de cravo. Não sei beber café na água sem cravo para ferver ele. Ontem, seu Julião gritou para os ouvidos do mundo que você bagunçou com os papéis de posse guardados no quarto de fundo do Sindicato de Tira-embrulho. Não meche nos rumos dos outros, Pedro quebra ponteiros, pois as gentes que inventam as leis de ferro daqui não lembram de Deus ao derramar no chão a vida dos alheios. Você está se tornando um revoltoso, soube por instinto de carne; vejo sua voz guardada dentro dos ouvidos de Remembo, o cavaleiro da revolta que tem a coragem de jogar a cara contra os maiores daqui. Estrela da carne, queima a razão desse não ainda homem, manda amigos de boa guarda e pendure cruz no seu longo peito. Soube que a terceira varada dos revoltosos avançou na fazenda Arrebú e mataram coronel e esposa Assunção e fincaram seus corpos dados pela ideia de Deus em estacas de umburanas de 4 metros, erguidas na porteira de entrada do curral. Massiala costurou um pedaço de couro fresco de raposa no bucho de senhor Guerão, e ela é a senhora da ira que extrema os reviramentos. No ano passado, Lima

criação & crítica

Nº39

da primeira linha reuniu seus dedos de gentes e mataram os senhores e trabalhadores reunidos num domingo na fazenda Água rói e montaram com os corpos um presépio de sangue. Olha em mim, eles te levarão ao rego do mundo podre e te afogarão na luz do bucho do cavalo pestilento.

— Minerva de ferro quente, bem sei que caminho com pés dormentes, mãos fechadas, dentes amargos, olhos de traiçoeiras, mente alheia e coração dos bons ausentes. Mas eu preciso me afirmar. O medo. A chuva caindo e soprando tensão nos donos maiores.

— O que seu coração de Pedro tampa de nós em seu ninho de algodão abraçado?

— Eu ainda estou procurando Deus, bem distante.

Submetido em: 09/02/2024

Aceito em: 14/08/2024